

Gênesis 1.1-2.4a: Uma Interpretação Literária

*Robert A. Butterfield**

Sinopse

Neste artigo tenta-se oferecer uma explicação inovadora do relato sacerdotal da criação (P), para depois demonstrar que a narrativa sacerdotal estabelece o que quer dizer ser humano e que, assim fazendo, serve como introdução literária à Bíblia. Com isso, sugere-se que os demais textos bíblicos devem ser compreendidos com base no relato sacerdotal da criação. Também se tratará do significado teológico embutido no fato de que o conto sacerdotal se encontra à cabeça da coletânea como um todo.

Palavras-chave: Criação; Ser Humano; Interpretação Bíblica

Abstract

In this article we will attempt to offer an innovative interpretation of the Priestly creation account (P) and then demonstrate that it establishes what it means to be human and in the process serves as a literary introduction to the Bible, so that other texts in the Bible are to be understood on the basis of P. This article also assesses the theological significance of the fact that the Priestly creation account stands at the head of the collection.

Key-words: Creation; Human Being; Biblical Interpretation

* PhD em Estudos Bíblicos pela *Lutheran School of Theology at Chicago* (LSTC); ex-professor de Estudos Bíblicos na *Loyola University of Chicago* e em outras instituições de nível superior; no presente, atua como *independent scholar* e como pastor de uma comunidade da *United Church of Christ* em Sterling, Illinois, EUA.

1 Introdução

Primeiramente, abordaremos o relato sacerdotal do ponto de vista de sua estrutura, assim como de sua origem e finalidade sócio-históricas. De acordo com a opinião geral, o relato sacerdotal foi escrito durante o exílio babilônico, período em que a elite de Jerusalém pôde examinar bem de perto a cultura babilônica. Faz pelo menos trinta anos que estudiosos da Bíblia Hebraica sugerem que o relato sacerdotal se constitui, de qualquer forma, numa resposta à epopéia babilônica intitulada *Enuma Elish*.¹ Vamos ver que essa sugestão é correta; e que o relato sacerdotal não somente responde ao *Enuma Elish*, mas também rejeita totalmente as pretensões desta última. Além do mais, o relato sacerdotal nos oferece suas próprias alternativas (em nossa opinião superiores). Finalmente, tentaremos explicar o significado do fato que os editores finais da Bíblia Hebraica utilizaram o relato sacerdotal como introdução à coletânea.

2 Reprovação e Des-Deificação

Logo do início, o relato sacerdotal repreende *Enuma Elish*, rejeitando as pretensões da cultura babilônica, quando proclama que foi Elohim, Deus de Israel, quem criou os céus e a terra. Se foi Elohim, então não foi Marduk, herói da epopéia babilônica.² Com certeza, esta proclamação tem um não-sei-quê de orgulhoso e zombador, como se fosse óbvio o ridículo das pretensões babilônicas. Em Gênesis 1.2, o relato sacerdotal nos diz que a terra estava sem forma e vazia. Por um lado, o relato sacerdotal afigura-se o caos primordial; mas quero sugerir, no mesmo espírito brincalhão exibido pelo relato sacerdotal, que num certo sentido o relato sacerdotal está se referindo ao caos religioso e social que os israelitas viram na

1 Cf. Claus WESTERMANN, *The Genesis Accounts of Creation*, p.18-19; Nahum SARNA, *Understanding Genesis*, p. 8-13; Ralph KLEIN, *Israel in Exile*, p.125-28; Alexander HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, p. 82-122.

2 Cf. KLEIN, *Israel in Exile*, p.127-28.

Babilônia.³ Isto é, o relato sacerdotal dá a entender que a cultura babilônica, da qual desgostavam, não é tão diferente da desordem primeva. Trata-se de uma boa piada!

Para dizer desordem, o relato sacerdotal utiliza as palavras hebraicas *tohu* e *bohu*, que talvez sejam deuses ugaríticos conhecidos por serem bêbados.⁴ Em todo caso, é evidente que o relato sacerdotal quer nos dizer que a terra (tanto a primeva como a babilônica) ficava sob o controle de deuses insignificantes, irresponsáveis e provavelmente imundos. Além disso, o relato sacerdotal afirma que a escuridão estava sobre a face das profundezas. Aqui torna-se útil sabermos, primeiramente, que nas religiões do Antigo Oriente Médio a escuridão era considerada o próprio ser da sedutora e perigosa deusa Leilah. Em segundo lugar, deve-se ter em mente que a palavra hebraica *tehom* (= profundezas) está ligada à palavra babilônica *tiamat*, nome da principal deusa no panteão babilônico.⁵ Vê-se, então, que o relato sacerdotal pretende desmistificar e domar vários deuses, inclusive babilônicos, ao anunciar que o hálito (= espírito) de Elohim, Deus de Israel, está a pairar sobre este caos, amansando assim deuses danosos mas também fracos em comparação com Elohim, e impondo ordem sobre esta desordem tanto presente como primeva. Desta maneira, o relato sacerdotal nos mostra quem é o verdadeiro Deus.

Nós, leitores modernos, precisamos entender o quanto o relato sacerdotal é revolucionário. No Antigo Oriente Médio, o poder de qualquer deus se media segundo o sucesso militar da nação a que pertencesse, e Israel acabava de ser destruído e escravizado pelo exército babilônico. Logo, as proclamações do relato sacerdotal, desmentindo todas as evidências, são realmente atrevidas e revolucionárias.

3 Aqui estou apontando para a situação não somente dos israelitas mas também das massas babilônicas, já que em *Enuma Elish* o ser humano é considerado como sendo não somente escravo mas também essencialmente mau. Cf. SARNA, *Understanding Genesis*, p. 7; KLEIN, *Israel in Exile*, p. 128.

4 Esta é a sugestão de Walter Michel, perito em língua ugarítica, professor e pesquisador da *Lutheran School of Theology at Chicago* (LSTC).

5 HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, nos diz que a palavra *tehom*, embora não seja exatamente derivada de *tiamat*, é contudo relacionada com *tiamat*. Em todo caso, o fato de o relato sacerdotal ter escolhido a palavra *tehom* dentre muitas outras palavras possíveis sugere que o relato sacerdotal queria apontar para a deusa babilônica.

3 Ordens

Segundo Claus Westermann, o relato sacerdotal se parece a uma misteriosa canção festival ou litúrgica,⁶ e não é de estranhar que tal musicalidade se consiga por meio da repetição, assim com observa-se aqui. Elohim cria lançando ordens de maneira repetitiva, e o mistério disso tudo consiste no fato de que não há ninguém para ouvir ou cumprir. Assim, o relato sacerdotal implica que o processo de criação fica absolutamente fora do alcance da compreensão humana,⁷ o que nos permite concluir que o relato sacerdotal não enfoca o processo mesmo da criação, e sim outras coisas.

Estas ordens, assim como observa Westermann, seguem um padrão reconhecível;⁸ porém, dada a motivação de fundo deste artigo, não precisamos entrar numa discussão deste padrão. O que mais nos interessa, com respeito a estas ordens, é que nelas o relato sacerdotal continua a fazer troça da cultura babilônica enquanto realça a superioridade de Elohim. Na religião babilônica, a luz se identificava com deuses astrais,⁹ que invariavelmente se mostravam perigosos e ameaçadores para com os seres humanos. Rejeitando corajosamente a cultura babilônica, o relato sacerdotal afirma efetivamente: “A luz nada tem a ver com deuses babilônicos, e sim com Elohim, que não somente cria a luz, mas também a acha boa, agradável e benígna.”¹⁰ Tal qual ocorre com respeito à escuridão. Separada da luz, a escuridão já não é mais uma deusa, mas simplesmente “escura.” E tanto a luz como a escuridão são compelidas por Elohim a desempenhar, daqui em diante, uma função utilitária e desmistificada. Depois, o relato sacerdotal coloca tudo isso

6 Veja-se WESTERMANN, *The Genesis Accounts of Creation*, p. 6-14. Especificamente, Westermann nos diz que, numa primeira leitura, o relato sacerdotal parece monótono, mas ao estudá-lo mais detalhadamente, o leitor se dá cada vez mais conta do quanto o relato sacerdotal é colorido e variado.

7 Veja-se WESTERMANN, *Creation*, p. 42. Westermann ressalta que a intenção do relato sacerdotal é empurrar o evento da criação para além do compreensível.

8 Veja-se WESTERMANN, *The Genesis Accounts of Creation*, p. 6-11.

9 Veja-se HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, p.101; 116-17.

10 A palavra hebraica usada aqui é *tov*, que quer dizer não somente bom, mas também apropriado, benigno e agradável.

numa moldura temporal: noite e manhã = um dia. Vamos, repetidamente, tecer comentários sobre esta moldura temporal que marca e abarca cada etapa do relato sacerdotal. Por ora, diremos apenas que tal esquema cronológico deve ter como motivo mostrar que o processo da criação, por mais misterioso que seja, não obstante faz parte de algum planejamento divino, tendo, portanto, uma finalidade lógica e benéfica.

Em 1.6-8, o relato sacerdotal segue fazendo troça. Para mim, o interessante de tal zombaria é que os israelitas, embora vencidos e escravizados pelos babilônios, ainda tenham ânimo para gracejos. Neste caso específico, o cômico consiste em que as águas - em toda a parte do Antigo Oriente Médio consideradas como o domínio dos monstros do caos,¹¹ e logo como mortíferas e incontrolláveis - são represadas por Elohim, que lhes faz servir a uma função prática. E tudo isto cabe dentro da moldura temporal: noite e manhã = dois dias.

Nessas ordens divinas lançadas para dentro do vazio, vemos qual deve ser a teoria do relato sacerdotal sobre a criação: tudo existe primeiro na mente de Elohim, que vai exteriorizando e impondo suas idéias (= ordem) sobre o caos e a bagunça primevos, dominados até então por deuses pretensiosos e falsos. A moldura temporal nos faz lembrar que tais exteriorizações não são desconectadas, mas sim lógicas, apontando para um objetivo desejável.

Em 1.9-13, o relato sacerdotal agrupa as águas e separa-as da terra. Assim, as águas cessam de constituir-se do covil de deuses perigosos e tornam-se simplesmente líquido, enquanto que a terra se torna simplesmente seca. E tudo isso faz parte do programa do relato sacerdotal, que é o de des-deificar o mundo. E mais uma vez, Elohim acha isto bom, agradável e benigno. O leitor moderno é convidado a entender que tal desmistificação ou des-deificação da natureza representa uma nítida rejeição da cultura dominante, que deificava a tudo.

¹¹ Veja-se HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, p.114-15.

4 A Natureza

A partir de 1.11, recebemos informações importantes sobre a natureza. A saber: sua vegetação é extraordinariamente diversificada, abundante e complexa. Além disso, esta vegetação foi desenhada para reprodução prolífica. E nesta natureza diversa, abundante e complexa, nada há de maligno ou ameaçador; isto sabemos porque Elohim diz achar tudo bom, agradável e benigno. E, mais uma vez, tudo cabe dentro da moldura temporal.

Nos vv. 14-19, o relato sacerdotal volta à tarefa de desdeificar a natureza. Elohim cria a luz, separa o dia da noite e faz com que estes dois desempenhem um papel puramente utilitário e cotidiano. Assim, o deus-sol Shamash e a deusa-lua Sin ficam desdentados, domados e desmistificados.¹²

Agora o relato sacerdotal retoma o tema da complexidade e abundância da natureza. Com respeito aos animais aquáticos, declara que é Elohim quem cria e depois controla as enormes criaturas do oceano. Por isso concluímos que estas já não podem mais ser consideradas como rivais ou antagonistas de Elohim. O relato sacerdotal fala também das aves, e depois Elohim oferece uma bênção tanto para as aves como para os demais animais aquáticos. Esta bênção assume a forma de uma ordem: as aves e animais aquáticos devem multiplicar-se e encher as águas e a terra. Note-se a forte ênfase na diversidade, abundância, complexidade e capacidade reprodutora da natureza. Conclui-se que a criação é um processo contínuo e ativo, que tende, sempre dentro da moldura temporal, a algum objetivo.

Tudo isso se repete nos vv. 24-25, com respeito, desta vez, aos animais terrestres. E mais uma vez Elohim declara tudo ser bom, agradável e benigno.

¹² Veja-se KLEIN, *Israel in Exile*, p.128.

5 Uma Revolução no Modo de Pensar

É necessário admitir que a maneira como o relato sacerdotal apresenta suas idéias tem algo de monótono e litúrgico, assim como Westermann observou. No entanto, por trás do véu da monotonia, as idéias do relato sacerdotal eram revolucionárias naquela época; desde então, tiveram uma enorme influência sobre a história humana. Antes do relato sacerdotal, a atitude dominante no Antigo Oriente Médio era a de que o mundo é um lugar perigoso, dominado por deuses mais ou menos despóticos, ciumentos, perniciosos, vorazes, caprichosos e cruéis. Astros, planetas, sol, lua, oceanos e outras feições morfológicas eram considerados como deuses, e também medonhos e perigosos. Por conseguinte, as pessoas viviam com medo no dia-a-dia, e não se atreviam nem mesmo a contemplar a natureza. Tal era a mentalidade imposta pelo governo babilônico sobre os babilônios. Talvez os exilados israelitas também fossem influenciados por tais idéias, já que os israelitas tinham vivenciado na destruição de Jerusalém e no próprio exílio o quanto o mundo pode ser maligno. Em todo caso, o relato sacerdotal deveria ser visto como uma narrativa revolucionária, por desmistificar e des-deificar o mundo e por realçar a superioridade de Elohim. Tudo isso representou uma rejeição radical da cultura dominante do Antigo Oriente Médio. Além disso, o relato sacerdotal deve ter notado que os babilônios estavam tão cativos do governo babilônico e dos deuses babilônicos quanto os israelitas o estavam do exército babilônico. Atuando assim, com motivos universalistas e generosos - e ao mesmo tempo com a intenção de fazer troça -, o relato sacerdotal tenta libertar não somente a seus compatriotas, mas também seus captivos. Por conseguinte, longe de nos oferecer mais uma versão nacionalista da criação, o relato sacerdotal se constitui numa autêntica “teologia da libertação”.



6 Libertação e Continuidade

Esta extraordinária mensagem de libertação começa no v. 1.26a, onde Elohim anuncia para a corte celestial: “Façamos o homem segundo nossa imagem e semelhança.” Tal declaração marca uma mudança no padrão de ordens que Elohim lançara até então, e, por ser tão abrupta, esta mudança indica que Elohim pretende fazer algo de muito especial. Antes, Elohim exteriorizou idéias que tinha na cabeça, mas agora opta pela “clonagem” ou algo parecido. Para dizer imagem e semelhança, o relato sacerdotal escolhe as palavras hebraicas *tselem* e *demuth*, que provavelmente eram nomes de primitivos deuses cananeus.¹³ Sejam quais forem elas, as intenções de Elohim ficam evidentes: deseja este deus que nós sejamos parecidos com Ele. O que uma tal semelhança poderia significar torna-se mais claro no v. 1.26b, onde Elohim delega a nós, seres humanos (varões e fêmeas), o privilégio e a responsabilidade de exercer domínio sobre todas as criaturas.

Durante a longa história da interpretação deste texto, a palavra “domínio” foi utilizada muitas vezes para justificar o abuso da natureza,¹⁴ como se o ser humano fosse um potentado oriental para com a natureza; e para justificar também o abuso das fêmeas pelos varões e a opressão dos fracos e pobres pelos ricos e fortes, como se Deus não tivesse dado domínio à espécie humana como um todo. Felizmente, essa interpretação tradicional revela-se, à luz da pesquisa moderna, completamente errada. O verbo hebraico *radah*, que quer dizer “ter domínio”, é um termo relativo à realeza, mas que é usado no resto da Bíblia Hebraica só para se falar do poder e da autoridade do Deus de Israel. Então, o domínio que nós seres humanos recebemos tem de conformar-se ao domínio do próprio Deus de Israel, que sobretudo tem compaixão, procura justiça, zanga-se raramente e abunda em amor duradouro. Assim o verbo *radah* nos impõe a imensa responsabilidade de fazermos sobre a terra o que Elohim faria se estivesse pre-

¹³ Esta é outra sugestão recebida de Walter Michel, especialista em ugarítico na *Lutheran School of Theology at Chicago*.

¹⁴Veja-se WESTERMANN, *Creation*, p. 50-55.

sente, e não separado de nós pela distância entre sujeito e objeto. Isto é, há como que um abismo entre Ele e nós. Daí que nosso exercício de domínio seja tão importante, porque Deus pretende ter contato por meio de nós com esta criação que Ele ama tanto. Então, somos representantes ou regentes do único rei verdadeiro, do único Deus, e Ele deseja participar no mundo através de nossa atuação, e assim superar o abismo.

A mudança abrupta que ocorreu no v. 1.26 indica que Elohim começou a fazer algo de novo e diferente. Mas se fosse realmente novo e diferente, seria também incompreensível, não é? Por isso, deve haver alguma continuidade. Em outras palavras, e explicando mais: se algo é contínuo com o que precede, isto não quer dizer que equivale exatamente ao precedente, mas sim que, embora sendo fundamentalmente diferente do que precede, contudo consegue reunir dentro de si os aspectos essenciais do que precede. Falo nesta concepção porque o relato sacerdotal se empenha tanto em mostrar a solidariedade que existe entre os seres humanos e os demais animais. Vemos isto no verbo *radah*, que sugere supervisão benevolente, e na bênção/ordem que Elohim dá tanto aos seres humanos como aos animais. Esta bênção compartilhada implica que nós, seres humanos, somos mais parentes dos animais do que seus proprietários. Note-se também que o verbo *radah* acrescenta a nosso relacionamento com os animais um elemento fiduciário. Então, embora sendo basicamente diferentes dos animais, estamos ao mesmo tempo estreitamente ligados com eles e somos por eles responsáveis.

Cabe dizer que, se todos nós seres humanos fomos e somos feitos segundo a imagem e semelhança de Elohim, único rei verdadeiro, e se todos somos os regentes dele, merecemos todos ser tratados de modo real (nobre). Com certeza, o relato sacerdotal não era ingênuo, e sabia que tal tratamento universal não era, em absoluto, uma realidade histórica. Sabia o relato que os poderosos oprimem os fracos, que há senhores e escravos, que grandes nações derrubam as pequenas, etc. Mas então, aonde quer chegar o relato sacerdotal? Sugiro o seguinte: o relato sacerdotal é menos uma reflexão sobre a criação do mundo que um protesto contra o mundo tal como se encontra em geral, e em particular contra a inumanidade de cer-

tos seres humanos para com os demais. Portanto, ele protesta também contra a estratificação social, a falta de respeito para com a natureza e a maioria dos seres humanos, e contra a superstição, sobretudo quando utilizada pelos fortes para maltratar os fracos. Em sua aparência externa, o relato sacerdotal é uma monótona canção litúrgica, mas em sua estrutura profunda revela-se como uma autêntica “teologia da libertação”, proclamada como troça debaixo do nariz mesmo do opressor, e portanto expressa de forma sutil.

Não é difícil ver como este texto teria tido um efeito libertador sobre os exilados. Ao ouvir a mensagem do relato sacerdotal, eles podiam declarar a si mesmos e também a seus captivos: “Não somos escravos nem cativos não! Somos regentes do único rei verdadeiro, Elohim, que nos deu domínio sobre a criação toda!” No entanto, é mais difícil entender por que este texto teria sido libertador igualmente para os babilônios. Por isso, é preciso apresentar e explicar um pouco mais a clássica epopéia babilônica *Enuma Elish*.

7 *Enuma Elish*

Embora fale da criação do mundo, *Enuma Elish* constitui-se menos num conto sobre a criação do que num monumento literário que homenageia *Marduk*, principal deus e herói da cidade da Babilônia, e isso com a finalidade de elevá-lo à chefia do vasto panteão babilônico.¹⁵ Em outras palavras, *Enuma Elish* representa uma tentativa de fortalecer o controle que a cidade de Babilônia exercia sobre o território e população do império babilônico. No início, tal controle podia ser obtido pela força, mas a longo prazo o governo teve de cativar o coração e o espírito do povo. Assim, *Enuma Elish* é uma obra propagandística que busca cativar o povo convencendo-o de que o papel desempenhado pela grande maioria dos babilônios, ou seja, a labuta agrícola, vai exatamente ao encontro dos desejos divinos. *Enuma Elish* realiza tal propaganda dizendo que a criação dos seres humanos não passou de uma reflexão

¹⁵ Veja-se SARNA, *Understanding Genesis*, p. 7-8.

tardia por parte de Marduk, e que os seres humanos só existem para cultivar a terra e fornecer comida para os deuses.¹⁶ Fica claro então que a mensagem libertadora do relato sacerdotal teria tido certo encanto até mesmo para os babilônios, a quem os israelitas teriam dito: “Escutem, irmãos babilônios, vocês não são escravos tampouco, e sim regentes de Elohim, único rei verdadeiro!”

Causa admiração a coragem do relato sacerdotal, que consegue proclamar uma mensagem tão revolucionária a partir do exílio e do cativeiro. Também suscita admiração o gênio literário do relato sacerdotal, que, sob a aparência de uma monótona canção litúrgica, apresenta uma “teologia da libertação”, e, assim fazendo, executa uma mudança fundamental em nosso modo de pensar.

8 Algumas Conseqüências Lógicas

São numerosas as conseqüências do fato de os seres humanos, varões e fêmeas, sermos feitos segundo a imagem e semelhança de Elohim e, como regentes de Elohim, termos domínio sobre a criação.

Primeiro, com respeito ao mundo físico, vimos que o relato sacerdotal apresenta o meio biológico como algo extremamente complexo, diversificado e abundante. É algo muito significativo que Elohim delegue aos humanos a responsabilidade de administrar e estudar a natureza, pois Elohim não poderia fazer isso se não fôssemos dotados de inteligência, curiosidade intelectual e compaixão muito parecidas às do próprio Elohim, mas sobretudo adequadas a nossa tarefa. Parece irônico que na época moderna o relato sacerdotal tenha sido interpretado tantas vezes como anticientífico, quando, de fato, o relato sacerdotal inaugura a ciência ao oferecer-lhe a seguinte base teórica: o mundo natural é muito complexo e interessante, mas não maligno ou ameaçador, e por isso tem condições de ser investigado; e nós, seres humanos, somos capazes de compreender o meio biológico e cuidar dele.

¹⁶ Veja-se KLEIN, *Israel in Exile*, p. 128.

Segundo, o relato sacerdotal tem implicações para a vida social. Se somos feitos segundo a imagem e semelhança de Elohim e, como regentes dele, temos todos domínio, não deveríamos tolerar desigualdade, injustiça ou opressão, porque o atributo do Deus de Israel é sobretudo a justiça. Evidentemente, fomos desenhados por Elohim para procurarmos a justiça.

Terceiro, se desempenharmos o papel que Elohim nos delegou, cumprimos os desejos e intenções de Elohim no que diz respeito à natureza e sociedade. Mas estas duas são realidades complexas, que vão mudando constantemente. Será, então, possível atuarmos *in loco Dei* sem que fiquemos em comunicação com Deus? Não está implícito em nosso papel que somos criaturas muito espirituais, de modo que boa parte de nossa tarefa consiste em nos mantermos em contato com Elohim?

Notemos que tais idéias sobre a inteligência humana, nossa preocupação com a justiça e nossa espiritualidade já existiam na tradição israelita. Mas o relato sacerdotal as apresenta de maneira tão original e genial que se tornam algo novo, e de tal modo que o retrato da teia complexa de relações natureza-seres humanos-Elohim resulte claro e compreensível. Outra novidade consiste na visão que o relato sacerdotal nos apresenta do ser humano. Sem dúvida alguma, a visão do relato sacerdotal é extremamente nobre e digna, o que se deixa ver ainda mais claramente mediante a comparação com *Enuma Elish*. Além disso, vamos ver que a bela concepção do ser humano no relato sacerdotal vem apresentada levando-se em conta o caráter fluido das coisas, como se o relato sacerdotal fosse não só poesia, mas também produção cinematográfica.

9 A Moldura Temporal

Depois de Elohim ter criado os seres humanos e lhes dado todos os tipos de verduras para que comessem, Ele enxerga o que criou e acha-o muito bom, agradável e benigno. E então reapresenta-se a moldura temporal: noite e dia = seis dias.

Já podemos ver que sem tal esquema temporal, os retratos que o relato sacerdotal vai pintando correriam o risco de não ser mais que uma série de fotos sem movimento. O mundo ideado pelo relato sacerdotal, porém, não é nada estático. Antes, ele está como a “latir” com atividade, movimento e reprodução. A natureza não vai, absolutamente, ficar imóvel. Tal qual podemos dizer de nossa situação social, ela vai mudando. E com respeito à justiça, estamos ocupadíssimos com desfazer uma longa reserva de injustiças. De vários pontos de vista, nossa atuação *in loco Dei* tem índole fluida e movimentada sobretudo porque as coisas acontecem muito mais de maneira simultânea que linear. Tampouco podemos pressupor que Elohim seja sedentário. Separado desta criação que ama tanto, Elohim não pode estar à vontade. Pelo contrário, Elohim esforça-se constantemente por comunicar-se conosco, desejando e insistindo com premência que desempenhem nosso papel, de sorte que possa superar quanto antes a separação que existe entre Ele e esta criação tão amada por Ele. Assim, Elohim é um Deus sozinho e sofrido, mas também ansiosamente resoluto e ativo. Portanto, o retrato que o relato sacerdotal nos apresenta não pode ser aquele de uma natureza-morta, mas sim o de um filme com paixão e movimento. Vê-se que o esquema temporal do relato sacerdotal ressalta que Deus está ativamente buscando algo, e por conseguinte que os humanos, como seus regentes, devem ser igualmente ativos. É este esquema temporal que coloca tudo em movimento.

Agora temos condições de concluir também, a propósito de Elohim, que Ele constitui um nítido contraste com os deuses babilônicos. Conforme *Enuma Elish*, estes são egoístas, violentos e caprichosos, enquanto que Elohim, tal como apresentado pelo relato sacerdotal, sente saudades dos humanos, sofre por achar-se longe deles, ama-os muito, faz de tudo para chegar perto deles e opta por confiar neles a tal ponto que sua felicidade deles dependa. Pode-se imaginar um contraste mais surpreendente ou revolucionário? Se o critério que se deve aplicar para determinar se um texto sagrado é realmente inspirado consiste na medida em que o texto é contraintuitivo, então o relato sacerdotal certamente é inspirado.

10 O Destino Final da Criação

Já falamos da moldura temporal, fazendo várias inferências que permitiram antecipar de modo aproximado o desenlace do relato sacerdotal, o que, a propósito, ressalta a grande capacidade literária do relato sacerdotal no tocante à prefiguração. Contudo, ao chegar-se ao desenlace em Gênesis 2.1-3, mesmo sabendo já aproximadamente o que vai acontecer, o leitor fica pasmado quando o relato apresenta, desta vez, uma continuidade tão maravilhosa, tão - como dizer? - descontínua! Esta constitui-se num desenlace ao mesmo tempo perfeitamente prefigurado e completamente imprevisível.

Para apreciar o gênio do relato sacerdotal, devemos referir-nos outra vez a *Enuma Elish* e lembrar-nos que, na verdade, a visão desta epopéia babilônica tem algo de sórdido e ignóbil. Segundo *Enuma Elish*, o ser humano só existe para ser escravo, sendo considerado essencialmente mau por ter sido feito do sangue do maior deus rebelde, morto por Marduk. Dito isto, examinemos o desenlace do relato sacerdotal.

O relato sacerdotal afirma que no sexto dia os céus e a terra em toda a sua imensidão foram terminados, e que no sétimo dia Elohim concluiu seu trabalho, opondo-se a trabalhar mais. É muito curioso que, embora os céus e a terra já estivessem completos no sexto dia, Elohim teria precisado concluir seu trabalho no sétimo. O que foi que criou no sétimo? Este é outro toque que empurra e força os limites do contraintuitivo. Talvez signifique que Elohim, antes de poder descansar, teria tido de inventar o repouso.¹⁷ Sendo uma formulação originária de “teologia da libertação”, o relato sacerdotal diz isto num contexto sócio-histórico marcado pela labuta e escravidão efetiva das massas, assim como pela falta geral de repouso e lazer. Contra todas as evidências, então, o relato sacerdotal proclama que Elohim nos criou por um nobre motivo que não tem nada a ver com o trabalho ou a escravidão, e tem tudo a ver com o descanso, o lazer, o divertimento, a tranqüilidade, a serenidade e a paz.

¹⁷ Veja-se Abraham J. HESCHEL, *The Sabbath*, p. 22-24.

Cabe lembrar que Elohim é um Deus involuntariamente solitário, e que tem saudades de nós. E o que é a solidão, senão a vontade de ter uma vida social que ainda não se tem? Assim, Elohim é um Deus social, querendo gozar de nossa companhia. Antes, observou-se que uma característica peculiar de Elohim consiste em estar Ele disposto a confiar e fiar-se em nós. Isto é, Elohim aposta que vamos desempenhar nosso papel com fidelidade, e que assim vamos aproximá-lo mais e mais de nossa companhia até Ele chegar e estabelecer-se definitivamente entre nós, o que se constitui no objetivo final da criação assim como da história: o Grande Dia Sete, o Sábado Eterno.¹⁸

Várias vezes ouvi dizer que esta ênfase do relato sacerdotal sobre o sábado não passa de uma preocupação provinciana.¹⁹ Naturalmente, o clérigo israelita que escreveu o relato sacerdotal queria que os seus compatriotas participassem do culto. Isto é claro! Mesmo assim, ele desejava isto em primeiro lugar porque, na visão extraordinária do relato sacerdotal, o sábado se constitui numa celebração proléptica do Sábado Eterno em que nosso Deus solitário e saudoso por fim conseguirá sua própria felicidade e a nossa também. Assim, o relato sacerdotal busca encorajar, entre os israelitas, uma consciência escatológica que vincule a atuação humana com o *telos* da criação. Desta maneira, cada ação humana tem seu valor positivo ou negativo em relação com Elohim. Cada ação humana ou aproxima Elohim de nós ou o afasta de nós.

Westermann, grande intérprete moderno de Gênesis 1-11, descobriu muito acerca do relato sacerdotal, mas não chegou a ver isto: se Elohim tem saudades de nós, faz com que sua felicidade dependa de nós, reconhece a si mesmo em nós e deseja passar a eternidade descansando e brincando em nossa companhia, não devemos concluir que, na verdade, o relato sacerdotal é uma história de amor? Com efeito, o relato sacerdotal sugere que somos amados por um Deus que faz-se vulnerável por amor a nós. O enredo desta história de amor é simples: Deus já nos ama muito, mas resta saber se nós vamos

18 Notemos que o objetivo da criação não é o ser humano mesmo, e sim o encontro final entre Deus e os seres humanos no Grande Sétimo Dia.

19 Veja-se, por exemplo, Arthur WEISER, *The Old Testament*, p.139.

amar também a Ele! Se desempenharmos o papel que Elohim nos delega, então Ele saberá que o amamos.

11 Considerações Puramente Literárias

Vimos de falar da estrutura do relato sacerdotal, assim como de suas origens e finalidade sócio-históricas. Agora vamos falar das conexões do relato sacerdotal com o resto da Bíblia. Nesta conjuntura, será útil saber que o exílio babilônico foi um período de intensa produção literária entre os israelitas.²⁰ Devia ter sido óbvio, então, tanto para o autor do relato sacerdotal como para os editores finais da Bíblia Hebraica, que esta última ia acabar sendo uma coletânea extremamente variada e complexa; e que, com respeito à comunidade de fé, a Bíblia ia ser considerada como uma unidade literária, apesar de tudo isso. Assim, eles certamente se perguntaram se não haveria um modo de fornecerem uma estrutura conceitual para facilitar a interpretação da Bíblia. Daqui a pouco, vamos ver que o relato sacerdotal serve muito bem como estrutura conceitual, facilitando a interpretação da Bíblia. Para abordar este assunto, vamos utilizar um tipo de crítica literária aperfeiçoada nas dependências da Universidade de Chicago.

O célebre crítico literário Bernard Weinberg, que lecionou línguas e literatura românicas na Universidade de Chicago até sua morte em 1973, favorecia um certo método de crítica literária que, embora não estruturalista, era porém estrutural.²¹ Ele afirmava que cada texto literário tem um movimento desde a situação inicial A até a situação final Z, e que o caráter do protagonista (aquele por quem, para quem ou ao redor de quem o movimento se realiza) deve justificar e expli-

²⁰ Veja-se KLEIN, *Israel in Exile*, p. 7.

²¹ Para uma amostra clara do método aristotélico preferido por Weinberg veja-se Elder OLSON (ed.), *Aristotle's "Poetics" and English Literature*, sobretudo o capítulo assinado por Francis Ferguson, intitulado *On Certain Technical Concepts*, p. 142-56; e o capítulo redigido pelo próprio Olson, *The Poetic Method of Aristotle: Its Powers and Limitations*, p. 175-91. Para uma perfeita demonstração do método weinberguiano, que representa uma grande tentativa de capturar a teoria poética de Aristóteles em sua pureza original, cf. Bernard WEINBERG, *The Art of Jean Racine*.

car este movimento. Além do mais, Weinberg dizia que o caráter do protagonista, assim como sua situação inicial, são apresentados numa introdução, onde quer que esta última se situe no texto. O movimento de A até Z se compõe também de pequenos passos constituídos tanto pelos acidentes e circunstâncias como pelas emoções dos personagens. Naturalmente, tal estrutura não tem necessariamente de ser linear: os vários elementos podem ser organizados em qualquer ordem. Por via de regra, a estrutura exterior e óbvia do texto (a saber, seus versículos, parágrafos, capítulos ou outras divisões) não corresponde à estrutura profunda e efetiva do texto. Finalmente, Weinberg enfatizava que tudo num texto literário deve ser considerado como representativo das intenções do autor: nada na literatura é incidental.

Poderíamos aplicar este método ao próprio relato sacerdotal, mas já dissemos que tanto o relato sacerdotal quanto os editores finais da Bíblia Hebraica deviam tê-la considerada como uma unidade, mesmo que os limites da coletânea ainda não tivessem sido estabelecidos. Além do mais, nosso objetivo é diferente.

O que queremos ver é como o relato sacerdotal serve de introdução à coletânea. E por isso estamos pressupondo, como bons alunos de Weinberg, que os editores finais da Bíblia teriam tido de fornecer tal introdução caso a Bíblia devesse resultar compreensível no seu conjunto. Assim, devemos examinar como o relato sacerdotal apresenta a situação inicial e o caráter do protagonista, para que o movimento de A a Z possa começar e achar seu eventual desenlace lógico. Logo, a primeira pergunta é esta: quem é o protagonista?

Esta é uma pergunta mais difícil do que poderia parecer, porque quem faz tudo no relato sacerdotal é Elohim, mas Ele o faz ao menos em parte por causa dos seres humanos. Quem age é Elohim, mas age para que daqui em diante exista uma parceria entre Ele e nós. É verdade, também, que no relato sacerdotal a felicidade de Elohim é inseparável da nossa. Neste sentido, o relato sacerdotal é uma história de amor com dois protagonistas: Elohim e toda a espécie humana. Mas então qual é o caráter destes protagonistas?

Esta é uma pergunta fácil, porque Elohim nos outorga todas as suas próprias características, qualidades e imagem. Ambos, Ele e nós, somos extraordinariamente inteligentes e intelectualmente curiosos, com um gosto pela complexidade e pela análise, assim como dotados da capacidade de ficarmos conectados à natureza e nos sentirmos responsáveis por ela. Ambos insistimos em receber um trato adequado à condição da realeza, e ambos somos muito sensíveis à injustiça. Ambos somos espirituais e ansiosos de conseguir auto-realização e comunicação emocional significativa (amor). Então, ambos temos tudo de necessário para que se prefigure e se justifique a situação final: o Sábado Eterno. Notemos, porém, que o sucesso do movimento de A a Z depende muito da consciência humana. Um ser humano inconsciente das verdades reveladas pelo relato sacerdotal não vai “dar certo”, não vai desempenhar o papel humano de maneira adequada. E o fato de o relato sacerdotal ter de incentivar os israelitas a terem consciência de Elohim e do digno papel que Ele delega aos humanos indica que mesmo os israelitas ainda não têm tal consciência. Além do mais, entre capacidade e realização há sempre um trajeto longo e incerto. Sabemos também que tal consciência humana é uma coisa muito variável. Pode cessar de existir ou pode existir em diferentes quantidades, intensidades e formas. Pode também ser reprimida ou esquecida. Isto equivale a dizer que o amor não é sempre mútuo, e que o relato sacerdotal, ainda que bem possa prefigurar o que deveria ser o desenlace lógico desta história de amor, não pode garantir uma conclusão hollywoodiana. Graças ao seu esquema temporal, o relato sacerdotal consegue fazer pelo menos com que a Bíblia toda assuma a forma muito realista de um filme cinematográfico, e que a Bíblia, apesar de sua imensa multiplicidade, tenha condições de ser interpretada logicamente segundo critérios claros e inteligíveis. Mas, e no que diz respeito à situação inicial dos protagonistas?

O relato sacerdotal já descreveu o papel que Elohim nos delegou; assim, o movimento (de A a Z) está para começar. A situação dos seres humanos, segundo o relato sacerdotal, é que estamos prontos e capacitados para desempenharmos o nosso digno papel tridimensional e, por outro lado, que Deus

está ansioso por ver-nos começar a atuar. Isto faz parte da situação inicial também: já estamos conscientes da nossa situação e temos os critérios para avaliar e entender quaisquer atitudes, acidentes ou ações a se apresentarem no resto da Bíblia. Temos tudo para determinar se, ou em que sentido, alguma coisa favorece ou não o movimento da Bíblia até o *telos* da criação (Z). Então, podemos concluir que, do ponto de vista de Weinberg, o relato sacerdotal serve muito bem como introdução literária à Bíblia. E se o relato sacerdotal serve bem como introdução literária, devemos concluir, conforme o método de Weinberg, que tal foi a finalidade do autor e dos editores finais, visto que na literatura não há nada incidental.

12 Considerações Teológicas

O que acabamos de ver tem uma relevância imediata para a teologia. Se, assim como demonstramos, o relato sacerdotal estabelece o caráter dos seres humanos como protagonistas da Bíblia, devemos admitir que a Bíblia tem uma antropologia teológica muito positiva que, ao passo que leva seriamente em conta os tristes fatos da atuação histórica dos seres humanos, mesmo assim insiste na tese de que nosso caráter é fundamentalmente bom.

Há que recordar também que, conforme a crítica literária, o caráter não muda, e sim constitui-se em fator constante desde A até Z. Assim, o teólogo que quiser ficar fiel à mensagem bíblica não deve deixar-se enganar pelo mau comportamento histórico dos seres humanos. Seria extremamente fácil para o teólogo permitir que sua opinião sobre os seres humanos seja determinada pela observação histórica. Seria-lhe também extremamente fácil esquecer que a Bíblia não faz simplesmente um relatório, mas antes busca uma verdade como que escondida dentro da história humana. Isto é, seria-lhe extremamente fácil desviar-se da mensagem bíblica num caso em que tanto testemunho histórico contradiz a Bíblia.

Aliás: o fato-chave nesta discussão é que os editores finais da Bíblia colocaram o relato sacerdotal bem no início

da coletânea. Foi isso algo de casual ou incidental? Não, porque na literatura não há nada de incidental. Já sabemos disto. Então, se o relato sacerdotal funciona como introdução, e se os editores finais da Bíblia ressaltam este fato, colocando o relato sacerdotal ostentosa e inconfundivelmente à cabeça da coletânea, devemos levar tudo isto muito a sério.²² Ao colocarem o relato sacerdotal à cabeça da coletânea, os editores finais da Bíblia queriam enfatizar a importância desta antropologia teológica tão positiva, implicando que, apesar das aparências freqüentemente repulsivas, a espécie humana toda tem o mesmo caráter de Deus. E se na multiplicidade de vozes que ecoam na Bíblia ouvimos algumas vezes opiniões contrárias, devemos ter em mente que os editores finais, mesmo sabendo muito bem tanto da história como da diversidade de opiniões entre os israelitas, ainda assim optaram por promulgar uma antropologia teológica fortemente positiva.

A propósito: num artigo futuro tentarei explicar que o conto de Adão e Eva (o conto do Javista ou "J" sobre a criação), que tradicionalmente foi utilizado por teólogos cristãos para justificar uma antropologia teológica negativa, realmente não se presta a tal interpretação. O mau comportamento de Adão e Eva, se assim o era, o que não é nada certo, só constitui um exemplo histórico ou até mesmo crônico da atuação humana, não podendo ser entendido como reflexo do caráter humano genuíno. Se Adão e Eva pecaram - o que *por si só* é muito problemático -, a atuação deles ainda não pode absolutamente ser entendida como reveladora do caráter humano, pois os editores finais já nos disseram com clareza inegável que somos feitos segundo a imagem e semelhança de Deus, que portanto nos parecemos muito a Ele e que Ele nos acha muito bons. Com efeito, mesmo que a história de Adão e Eva tratasse realmente de pecado, ainda assim permaneceria verdade que é o relato sacerdotal que serve de introdução à Bíblia, e que, portanto, estabelece o caráter dos seres humanos. Ademais, tanto em termos lógicos como literários, seria impossível haver duas introduções.

22 Veja-se Brevard S. CHILDS, *Old Testament Theology in a Canonical Context*, p. 222.

Outro assunto que se apresenta ao teólogo cristão, e já não ao judeu, com base no relato sacerdotal, é este: se o caráter dos seres humanos é profundamente bom e não somos pecaminosos por natureza, em que então consiste a obra de Jesus Cristo? Qual é o significado do evento-Cristo se os seres humanos, sendo feitos à imagem e semelhança de Deus, não são, por isso mesmo, escravos do pecado? Dito de maneira diferente: se no relato sacerdotal Deus nos cria tão parecidos com Ele, como o teólogo pode pretender que sejamos tão diferentes d'Ele? Conseqüentemente, o teólogo que insiste em desenvolver uma visão negativa dos seres humanos está a negar as intenções evidentes dos editores finais da Bíblia, como se soubesse mais e visse mais longe do que eles, caso em que a teologia cessaria de ser bíblica. O fato de que muitos grandes e famosos teólogos, inclusive alguns que escreveram na própria Bíblia, desenvolveram uma visão negativa do caráter (coração) humano não quer dizer que a Bíblia, na sua forma final (atual), lhes dê razão.

Referências Bibliográficas

- BOADT, Lawrence. *Reading the Old Testament: An Introduction*. New York: Paulist Press, 1984.
- CHILDS, Brevard S. *Old Testament Theology in a Canonical Context*. Philadelphia: Fortress, 1985.
- FRETHEIM, Terence E. *The Suffering of God: An Old Testament Perspective*. Philadelphia: Fortress, 1984.
- HEIDEL, Alexander. *The Babylonian Genesis*. Chicago: University of Chicago Press, 1942.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *The Sabbath: Its Meaning for Modern Man*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1951.
- KLEIN, Ralph W. *Israel in Exile: A Theological Interpretation*. Philadelphia: Fortress, 1979.
- OLSON, Elder. (Ed.) *Aristotle's "Poetics" and English Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.
- SARNA, Nahum M. *Understanding Genesis*. New York: Schocken, 1974.

- WEINBERG, Bernard. *The Art of Jean Racine*. Chicago: The University of Chicago Press, 1953.
- WEISER, Arthur. *The Old Testament: Its Formation and Development*. New York: Association Press, 1966.
- WESTERMANN, Claus. *Creation*. Philadelphia: Fortress, 1974.
- _____. *The Genesis Accounts of Creation*. Philadelphia: Fortress, 1964.

*Robert Butterfield,
1311 1st Avenue
Sterling, Illinois
61081-2314
EUA
Bob Butterfield
bcube@theramp.net*